



ANTES CELEBRADA, AGORA ESQUECIDA, A ESCOLA DA SUPERQUADRA 114 SUL

BENOIT, Alexandre

1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Escola da Cidade. Meios de expressão. 01219-010
alexandrebenoit@gmail.com

RESUMO

Nos anos iniciais de Brasília, a arquitetura espetacular de Niemeyer que forjou a imagem da cidade passa a conviver com outra, em escala menor, de autores nem sempre lembrados e programas distintos daqueles dos palácios governamentais. Além dos projetos de edifícios habitacionais, as escolas ganham importância e, nesse âmbito, arquitetura, urbanismo e educação se relacionam. O trabalho a seguir busca analisar uma das primeiras escolas do Plano Piloto, construída em 1962, a escola-classe da superquadra 114 Sul, de autoria de Wilson Reis Netto, arquiteto da Divisão de Arquitetura da Novacap. A partir do acervo pessoal do arquiteto e de outras fontes primárias com certo ineditismo, recupera-se o projeto dessa escola, hoje bastante descaracterizada após sucessivas reformas, que na época era celebrada entre intelectuais e críticos como exemplar da arquitetura escolar que traduzia em espaço inovador os princípios elaborados por Anísio Teixeira em seu plano educacional para a cidade.

Palavras-chave: Escola-classe; Wilson Reis Netto; Anísio Teixeira; Brasília.



Antes celebrada, agora esquecida, a escola da superquadra 114 Sul

Nos primeiros anos de Brasília havia um roteiro informal para quem visitasse a cidade. Servia a delegações estrangeiras, jornalistas, críticos bem como a recém-chegados de outras regiões do país. Este guia, conforme relato de Yvonne Jean, ativa cronista e professora da UnB, compreendia os marcos fundamentais da nova capital, como os palácios de Oscar Niemeyer, o Eixo Monumental, a Praça dos Três Poderes e a superquadra modelo, a 308 Sul. Com o tempo, alguns outros edifícios foram sendo incluídos, dentre os quais a escola-classe da superquadra 114 Sul.¹

De autoria do arquiteto carioca Wilson Reis Netto, membro da equipe de Oscar Niemeyer na Divisão de Arquitetura do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Novacap, esta escola, construída em 1962, logo despertou grande interesse, não sendo difícil achar menções elogiosas a ela nos registros de época. Três meses após a sua inauguração, por exemplo, o crítico Antônio Bento escreve em sua coluna no *Diário Carioca* (BENTO, 1962, p.4) que o embaixador Sette Câmara diz ser “a melhor escola que já vira em suas andanças pelo mundo”, listando a seguir personalidades que ficaram impressionadas com ela: “o sr. Lucien Hervé, assistente de Le Corbusier, Ortiz Macedo, crítico de arte, representante do México, o embaixador Marciel Tamayo, das Nações Unidas, os arquitetos Ebgord (Nigéria) e Samaras Sekera (Ceilão), além do japonês Yoshimi Ohashi”. Havia também relatos curiosos, como o da diretora que, cansada de ver as crianças importunadas com os visitantes, decidiu cobrar ingresso para quem quisesse conhecer o edifício. O êxito não ficou restrito a autoridades e ao grande público, a escola venceu o I prêmio de Arquitetura do Salão Nacional de Brasília, em 1966, foi publicada na revista *Módulo* e, mais tarde, no livro de Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*.²

Hoje, no entanto, ela está esquecida. No roteiro arquitetônico organizado pela secretaria de turismo do Distrito Federal, por ocasião dos 60 anos da cidade, não há menção alguma a ela. Se inqueridos, arquitetos e historiadores raramente recordam dela e é frequente a pergunta quanto a ela ainda existir ou ter algum valor arquitetônico. No Museu da Educação do Distrito Federal, instituição que conserva rico acervo documental sobre as escolas da cidade com o propósito de preservar sua memória, são escassas as informações sobre a escola e nada nos informa de seu prestigioso passado.

¹ Ver em especial JEAN, 1965 e Idem, 1967.

² BRUAND, 1981, p.288.



O presente trabalho tem como objetivo resgatar a memória desse projeto a partir de documentos diversos e do acervo pessoal do arquiteto.³



Figura 1: Autor desconhecido, revista *Módulo* n.34, ano 8, ago/1963. Em primeiro plano a escola-classe da superquadra 114 Sul, ao fundo edifício habitacional de Marcelo Campello e Sérgio Rocha.



Figura 2: Autor desconhecido, Arquivo Público do Distrito Federal, 1968 circa. Representante do governo alemão visita a escola, possivelmente Wilhelmine Lübke, esposa do presidente Heinrich Lübke. À direita está Wilson Reis Netto.

³ Este texto é parte de um livro que vem sendo elaborado pelo autor sobre a vida e a obra de Wilson Reis Netto (1923-2001). Formado na Universidade do Brasil, no início dos anos 50 integra a equipe de Jorge Machado Moreira para desenvolver o Campus do Fundão (futura UFRJ), durante a construção de Brasília ingressa no escritório de projetos da Novacap, sob direção de Oscar Niemeyer, permanecendo na cidade até meados dos anos 1970, quando deixa o país em um autoexílio diante da perseguição pelo regime militar. Em seu retorno, ocupa-se do plano de urbanização da Praia do Forte na Bahia, onde reside por cerca de uma década.



Humanizar a cidade nova

A vida cotidiana da capital recém-inaugurada não era fácil, em muitos aspectos a cidade estava incompleta, a Asa Norte praticamente não existia, ruas em toda parte não tinham asfalto e a iluminação pública era bastante falha. Barracões provisórios e habitações precárias remanescentes da epopeia da construção estavam longe de serem absorvidos no Plano Piloto, começando a formar as cidades satélites, enquanto setores do funcionalismo público resistiam a mudar para o cerrado e a cada troca de governo o fantasma do retorno ao Rio pairava sobre a cidade. Esse quadro punha seriamente em dúvida a viabilidade de Brasília a longo prazo.

Um contraponto a isso era a disposição dos pioneiros – designação para aqueles que chegaram antes da inauguração da cidade – e de seus primeiros habitantes. O escritor Milton Hatoum que foi para lá cursar o ensino médio, relata ter sido atraído pelas fotografias que circulavam nos jornais de Manaus.⁴ Ele recorda suas impressões daqueles anos como entre “o fascínio e o mal-estar”. Já Moraes de Castro, então jovem estudante de arquitetura que mais tarde integraria a equipe do CEPLAN / UnB, tendo ainda longa carreira junto a entidades representantes da profissão, morava em um barracão com operários da construção da cidade e tem lembrança parecida com a do escritor manauara, ao definir a Brasília dos anos 60 como um misto de “provincianismo e entusiasmo”.⁵ Nos relatos do programa de história oral do Arquivo Público do Distrito Federal, são frequentes os depoimentos de que, mesmo diante das enormes adversidades, tratava-se de um tempo de profundo otimismo.

É difícil pensar que esse entusiasmo coletivo existiria sem a arquitetura que moldou a imagem da nova capital. O caráter sedutor e de fácil apreensão das formas livres de Niemeyer correu o país e o mundo, tornando-se a bela imagem do desenvolvimentismo e orgulho para quem adotava a cidade como sua nova morada. Lucio Costa no Plano Piloto procedeu de maneira consciente ao criar uma cidade que não rivalizasse com os palácios, buscando, pelo contrário, diretrizes de traçado e gabarito que colocasse em evidência as construções governamentais. Contudo, é inegável que a forma sintética do Plano como cruz arqueada, lida

⁴ Experiência que ele recria em seu romance *A noite da espera*. O depoimento foi feito em conferência na Escola da Cidade em 12/06/2019, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qr5ZafOnWAg>.

⁵ Depoimento oral ao autor em 18/05/2021.



por vezes como avião, reeditou na escala urbana o mesmo apelo visual das colunas do Alvorada, reforçando o duplo sentido de conquista do interior e progresso.

Sabemos que este recurso persuasivo esgota sua força, ou, ao menos, a relativiza na medida em que imagem se torna matéria, e ideia vem a ser concreto e gente. A realidade social do país, desigual e contraditória, a incompletude da ocupação e todas as demais dificuldades impõem-se, desafiando as formas livres de Niemeyer e a utopia de Lucio Costa. A fotografia, que foi veículo principal de registro e propaganda da cidade durante sua construção, nessa etapa seguinte divide protagonismo com o cinema. *Fala Brasília* de Nelson Pereira dos Santos (1966) é um dos filmes que investe no contraste entre o ambiente lunar, asséptico dos espaços e a gente de carne e osso que os povoa, na mesma linha segue, mais crítico, *Brasília, contradições de uma cidade nova* lançado um ano mais tarde.⁶

Frente a isso, a encarnação da utopia estimula uma considerável mudança de eixo nos problemas fundamentais a serem enfrentados. Ganham protagonismo as questões do modo de vida. Tão o mais importante que a imagem-síntese da cidade, passam a ser as palavras de seu memorial que trazem indicações sobre o cotidiano da capital.⁷ Nesse âmbito, a educação se destaca, tendo como norte a criação da UnB e a implementação de um plano escolar exemplar.

Espaços da educação

Embora prevista no Plano Piloto, a UnB não seria implementada antes de dezembro de 1961, graças ao empenho de Darcy Ribeiro, valendo-se do tumultuado final do governo Jânio Quadros. Antes, à época da construção da cidade, Israel Pinheiro era contrário a sua criação, por considerá-la um possível foco de desestabilidade política em razão da presença dos estudantes e até o próprio JK se mostrou reticente em homologá-la para não contrariar os interesses de parte da Igreja Católica que via em Brasília a oportunidade para uma universidade sua (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017 e RIBEIRO, 1975). Há episódios memoráveis do

⁶ O filme de Nelson Pereira dos Santos registra a babel de sotaques que a cidade abriga, pois foram atraídos para lá gente de todo o país, reunindo no mesmo local, pela primeira vez, sons brasileiros tão diversos. Já *Contradições...*, narrado por Ferreira Gullar, é belo registro da cidade nova que não se furta a expor a difícil realidade daqueles que a construíram então excluídos do Plano Piloto.

⁷ Chama atenção que até hoje os brasilienses recuperam as palavras do memorial como meio de defender a cidade. Cito aqui, entre tantas iniciativas da sociedade civil, o projeto “Brasília moderna” (<https://www.instagram.com/brasiliamoderna/>), que se define “em defesa do que resta da boa arquitetura da cidade, muitas vezes desfigurada em reformas desrespeitosas e de mau gosto”. Graças a este grupo os jardins originais de Burle Marx na superquadra 308S foram recuperados após intensa pesquisa e reuniões com os moradores.



empenho de Darcy Ribeiro, desde suas manobras políticas até ações voluntárias como a construção do auditório central, “Dois Candangos”, em que ele mobiliza os estudantes para, em mutirão, montar e instalar os assentos desenhados por Sérgio Rodrigues, permitindo que a cerimônia ocorresse no prazo estipulado (CALHEIROS, 2014, p.83).

O plano escolar era, por sua vez, indissociável da UnB e contava com similar idealismo e empenho para que saísse do papel. Anísio Teixeira, coordenava o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), responsável por elaborar o plano educacional da cidade, do qual a criação da universidade era parte integrante.⁸ O ensino público era visto como um meio de superação das desigualdades sociais e de vencer as forças retrógradas da classe dominante brasileira. Esse projeto pedagógico era acalentado por Teixeira desde os anos 30 e caminhava par a par com a arquitetura moderna no país, como resume esta conhecida passagem do educador:

Só existirá uma democracia no Brasil no dia em que se montar a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública. Não a escola sem prédios, sem asseio, sem higiene e sem mestres devidamente preparados, e, por conseguinte, sem eficiência e sem resultados. E sim a escola pública rica e eficiente, destinada a preparar o brasileiro para vencer e servir com eficiência dentro do país (TEIXEIRA, 1936, p. 58).

Antes de Brasília, acumulavam-se experiências de colaboração entre educadores e arquitetos no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador (PEDRÃO; 1999 e CHAHIN; 2018).⁹ A criação da nova capital era uma oportunidade de por em prática em larga escala essa nova concepção de ensino:

⁸ Notar que Darcy Ribeiro presidia o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p.586), subordinado ao Inep, cabendo sua indicação a próprio Anísio Teixeira no início do governo JK em 1955.

⁹ São experiências separadas no tempo, mas que acompanham, o desenvolvimento da arquitetura moderna como política pública no país. Em todas elas, o nome de Anísio Teixeira é direta ou indiretamente a pedra angular. No Rio, Teixeira tem a oportunidade durante o primeiro governo Vargas de colocar em prática suas reflexões sobre a “Escola Nova”, processo interrompido com o Golpe de 1937. Em Salvador, tem nova oportunidade em fins dos anos 40, originando o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, projeto arquitetônico de Diógenes Rebouças. Na capital paulista, o Convênio Escolar, anos 50, dirigido pelo arquiteto Hélio Duarte, toma o mesmo ideário para a criação de uma série de escolas públicas. A UnB, chamada de “universidade necessária” por Darcy Ribeiro, também pode ser vista como o amadurecimento de tentativas anteriores – ainda que menos exitosas que aquelas da “Escola Nova” – mas já sinalizadoras do que seria o seu programa (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p.594); nesse sentido, talvez a experiência mais ousada foi a criação da Universidade do Brasil em 1937 que durou apenas dois anos. O projeto de seu campus seria desenvolvido em paralelo ao do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública pela mesma equipe de arquitetos chefiados por Lucio Costa e com a consultoria direta de Le Corbusier (COSTA; 2018, pp.172-189).



O plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital do país oferecer à nação um conjunto de escolas que pudesse constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do país. (TEIXEIRA; 1960, p.2)

O caráter exemplar das escolas viria complementar uma visão já contida no Plano Piloto de Lucio Costa.¹⁰ Isso aparece com muita clareza no memorial, ao descrever que o ensino infantil deveria estar próximo da moradia, imaginando que uma sociabilidade acolhedora surgiria daí, com a criança percorrendo o trajeto da casa para a escola a pé, fazendo dos jardins das superquadras extensões da casa e da escola, ideia que influiria, segundo o urbanista, até na definição do gabarito das unidades habitacionais como a máxima distância que uma mãe consegue chamar o filho pela janela:

...todos os prédios soltos do chão sobre pilotis, no gabarito médio das cidades europeias tradicionais – antes do elevador –, harmoniosas, humanas, tudo relacionado com a vida cotidiana; as crianças brincando à vontade ao alcance do chamado das mães, com a escola primária na própria quadra. (Costa, 2018, p.308)

Durante a construção da cidade, Anísio Teixeira e Lucio Costa teriam se reunido diversas vezes para discutir como o plano educacional e o urbanístico se relacionariam (SILVA, 1971, p.158; CHAHIN, 2018, p.37). As diretrizes iniciais do urbanista foram mantidas, com algumas alterações que expressavam os conceitos do educador. Originalmente, a escola primária estaria no interior da superquadra e a secundária no entrequadras. As mudanças propostas por Teixeira acrescentariam nas superquadras os jardins de infância (4 a 6 anos), desmembrando a escola primária (7 a 14 anos) em dois edifícios com programas complementares. A escola-classe, unidade compacta de salas de aula, deveria abrigar a “educação intelectual”, servindo a uma superquadra (aproximadamente 480 crianças). A escola-parque, unidade maior, complementava o ensino “mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança”, prevendo um programa de biblioteca, museu, artes industriais, esportes, refeitório (TEIXEIRA, 1959, p.2; CAMPOS, 1959, p.109). A escola-parque, ocupando o local do que eram as escolas secundárias na proposta original do Plano Piloto, servia a quatro superquadras, podendo chegar a 2 mil alunos.

O ensino tornava-se integral, dividido meio período em cada espaço, “algo como se fosse uma universidade infantil” diz o educador. Já as escolas secundárias, chamadas de Centros de Educação Média (CEM), previam

¹⁰ O urbanista de Brasília sempre esteve atento às questões educacionais, chegando a formular, a pedido do então ministro Capanema, um detalhado plano de ensino de desenho para escola pública em todo o país (COSTA, 1948).



uma estrutura múltipla, tendo em vista uma formação humanista, científica e profissional. O plano escolar de Brasília era frequentemente apresentado por Anísio Teixeira descrevendo uma sequência que ia do jardim da infância, passando pela unidade escola-classe / escola-parque, o CEM, tendo como sua etapa final a UnB (TEIXEIRA, 1960, p.3).

A escola

O sentido que o programa escolar teve para os anos iniciais de Brasília explica em grande medida o interesse que uma construção do porte modesto da escola-classe da 114S despertava. Identificada como um ambiente infantil exemplar, com “refinado apuro estético” segundo a revista Módulo, a escola marcava a transição da grande escala dos palácios para essa outra cotidiana, das questões do modo de vida.¹¹

Quando acessamos o arquivo de Wilson Reis Netto em 2019, os documentos não estavam catalogados e a fase inicial de sua produção, da qual a escola fazia parte, dispersa, já que correspondia ao período dele como funcionário da Divisão de Arquitetura da Novacap (1958-1966). Em um pequeno livro sobre sua trajetória, havia menção à visita de uma autoridade do governo japonês ao edifício, a qual teria motivado um convite para que o arquiteto desenvolvesse alguns projetos em Hanoko (REIS NETTO; 1998). A história pareceu, à primeira vista, quase inverossímil não fosse o fato de haver fotos de Reis Netto no Japão expondo sua proposta para o Palácio Internacional de Congressos. Somente em seguida, localizamos uma planta da escola e algumas fotos pouco conclusivas dela nos anos 60. O levantamento de matérias de jornais e revistas, guardadas pelo arquiteto ou encontradas por nós em arquivos públicos, permitiu ampliar a compreensão sobre o valor do edifício original, já que, conforme pudemos constatar em visita recente, hoje ele está bastante modificado.

¹¹ Alguns dos comentários da época: “a belíssima escola (...) que as crianças tanto se orgulham”, *Correio Braziliense* 03/06/1962; “uma das obras mais avançadas da arquitetura moderna no campo da educação primária”, *idem* 01/05/1964; “a bela realização da revolucionária arquitetura de nossa capital” *Diário Carioca* 19/05/1962; “uma atmosfera calma e ventilada para seus alunos” *Revista Manchete* 09/06/1962; “vale a pena visitar a escolinha” *A Cigarra* 11/11/1964. Ver também a coluna de Yvonne Jean no *CB* já citada aqui, “Escola 114 ou Escola-parque?” de 18/05/1967 em que discute qual escola deve ser motivo da visita dos príncipes herdeiros do Japão, no texto Jean aponta o início do desmanche do projeto original de Anísio Teixeira, bem como o descuidado estado do projeto de Reis Netto.



Leveza e fluidez caracterizam o edifício. O volume se inscreve em um retângulo térreo de aproximadamente 30 x 50 metros, regido por movimentado jogo de planos, vazios, cores e superfícies, assemelhando-se a uma escultura concreta em escala ampliada (fig.1). Paralelo que não devia ser estranho ao arquiteto já que são incorporadas ao edifício duas peças próprias desse universo. Uma, a escultura de Edgar Duvivier de sugestivo nome “Integração 114” e, outra, uma pedra retangular negra com uma estrela branca em relevo, trazendo gravadas as palavras de André Malraux por ocasião de seu discurso na cidade em 1959: “eis aí onde a cultura assume o seu lugar insubstituível”. “Todo o edifício”, escreve ainda um crítico, “se integra em um só movimento de cor, espaço e forma” (NAUD, 1967).



Figura 4: Escola-parque 114S, Acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), Coleção Marcel Gautherot. Detalhe da fachada sul da escola em que é visível uma de suas aberturas para a quadra; com jardim e uma das salas de aula; notar a porta de correr aberta.



Figura 5: Escola-parque 114S, Acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), Coleção Marcel Gautherot. Nesta foto vê-se o pátio principal com jardim e espelho d'água; ao fundo à direita, acesso elevado para as salas de aula.

A construção não tem janelas para o exterior, apenas grandes aberturas que interrompem os planos cegos das empenas, enquanto as vigas e uma espécie de banco corrido prosseguem emoldurando a subtração interior e exterior (fig.4). Do lado sul, paredes de cobogós se deslocam sutilmente da fachada, gerando um vai e vem de planos (fig.6). Na fachada leste, todo o plano frontal recua em relação às empenas laterais, indicando o acesso principal, sem que haja portões ou grades altas. Os múltiplos vazios do edifício formam pátios internos ajardinados que se comunicam com as salas de aula a partir de portas de correr envidraçadas (fig.4). O pátio principal articula todos os usos, tendo ele também um jardim que percorre a extensão leste-oeste do edifício, com um esguio espelho d'água que recolhe as águas pluviais que caem da marquise (fig.5).



Figura 6: Escola-parque 114S, Acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), Coleção Marcel Gautherot. Detalhe da fachada com a parede de cobogós solta da fachada.



Figura 7: Acervo Wilson Reis Netto. Em raro registro a cores, podemos ver o interior do edifício com os cobogós vitrificados e seus reflexos no piso. Observar ainda a parede em pastilha (coloração em turquesa e azul celeste), teto branco, piso em ladrilho liso preto, sala de aula em piso branco ou similar. De terno claro, Wilson Reis Netto ao lado de homem não identificado.

A cota das salas de aula, a pouco mais de 30 cm do chão, faz com que o acesso para o pátio principal seja uma passarela que avança sobre a vegetação (fig.5). A cobertura desses acessos é descontraída com a das salas, possibilitando também altura suficiente para uma faixa de caixilhos entre as duas lajes e, assim, ventilação cruzada.



Seja pelas aberturas, quanto pelos jardins, tem-se a impressão de que o verde da superquadra penetra nos vazios de um esqueleto de concreto como se fosse tomando-o por dentro. A originalidade do partido adotado por Wilson Reis Netto em relação às demais escolas construídas até então é considerável. No jardim de infância projetado por Nauro Esteves, em 1959, há um programa muito similar ao da escola-classe, nesse caso, o arquiteto, também da NOVACAP, resolve a implantação em dois volumes em “L”, sendo um, as salas de aula, e outro, o apoio-administrativo. Já na escola-classe da 308S, de autoria coletiva da NOVACAP, o programa é equacionado em disposição linear, separando o volume de salas de aula do apoio-administrativo com um pátio coberto. A grande diferença é que tanto no projeto de Esteves quanto na escola-classe da 308S – que serviriam de base para outras escolas da cidade – o volume construído é tratado segundo a lógica das unidades habitacionais, isto é, solto na quadra, enquanto que na escola-classe 114S, Reis Netto ocupa os limites dados, expandindo a construção ao fazê-la permeável com pátios e jardins.

Gorowitz nota que enquanto uma unidade habitacional tem sua dimensão e localização definidas na quadra pela projeção do edifício, as escolas situam-se em lotes. Isto ocorre porque a unidade ocupa o espaço aéreo sobre os pilotis, tendo a cota deles como pública; as escolas, por sua vez, são programas coletivos de uso público, ocupando diretamente o solo (GOROVITZ; FERREIRA; 2009, p.50).¹² Na maioria das escolas essa diferença não é perceptível porque elas estão completamente soltas, sugerindo, claro, que o jardim é toda a superquadra. Reis Netto percebe que pode explorar essa condição peculiar do zoneamento, criando ricas mediações entre interior e exterior, sem que, com isso, fizesse um volume fechado para a cidade.

Podemos identificar uma segunda matriz que informa o partido adotado. Antes de ingressar na equipe de Niemeyer em Brasília, Reis Netto viajou por dois anos pela Europa, com uma bolsa de estudos da CAPES. Nesse período, passa três meses em Berlin estudando o canteiro de obras da Interbau. No relatório de sua viagem, há minuciosa descrição dos edifícios, com impressões suas quanto ao que seria um dos mais ousados laboratórios da arquitetura moderna ocidental do pós II Guerra. Reis Netto não esconde a predileção que desenvolve por algumas obras em detrimento de outras, em particular parecem chamar-lhe atenção os edifícios térreos com pequenos pátios internos, tais como as propostas de Johannes Krahn e de Arne Jacobsen¹³ (fig.8).

¹² “A comprovação disso”, escreve Gorovitz, “se encontra nas plantas de arruamento e de locação de blocos desenhadas antes de 1960. Nos desenhos destas plantas, as linhas que definem o perímetro dos blocos eram sempre tracejadas, representando a projeção da área ocupada acima do plano representado, e as das escolas e dos outros equipamentos eram contínuas. A projeção era definida pelo seu perímetro e pelo limite de seis pavimentos que estabelece sua altura. O volume do prédio se localiza sobre o vazio dos pilotis.”, p.50.

¹³ Sobre a Interbau cf. ESKINAZI, 2011.

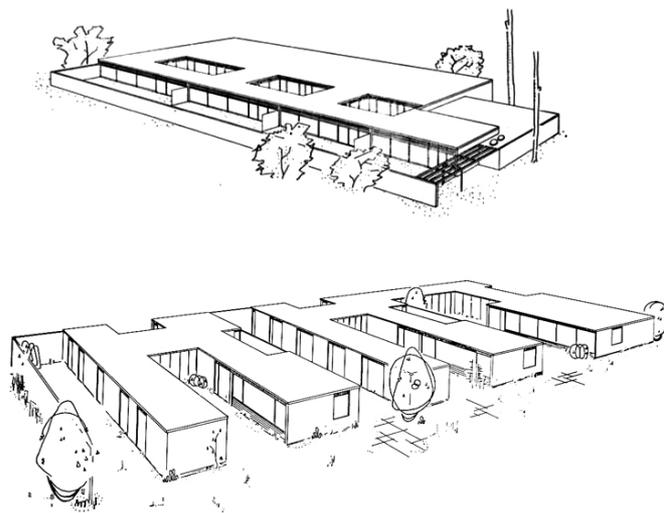


Figura 8: Extraído de Hansaviertel – Berlin (<<https://hansaviertel.berlin/en/>>). Acima desenho do arquiteto dinamarquês Arne Jacobsen para residências unifamiliares térreas, Händelallee 33–39; logo a seguir, a proposta de Johannes Krahn, arquiteto alemão, Händelallee 49–53.

Reis Netto sinaliza ainda se interessar pela relação entre arquitetura e meio-ambiente, o que, mais tarde, ganharia importância maior para si, ao projetar as primeiras construções da Praia do Forte, assimilando técnicas e materiais locais. Tal preocupação, incomum para os anos 60, está registrada nas reportagens sobre a escola, as quais sublinham que os jardins das salas de aula deveriam servir ao cultivo e plantio de mudas, por parte dos próprios alunos, a fim de desenvolver neles uma consciência ambiental desde pequenos.

Seis décadas mais tarde, para um visitante desavisado talvez não seja possível identificar estas e outras características que tornaram a escola tão admirada.¹⁴ A sensação é de um edifício fechado para o exterior com grades altas controlando acessos e aberturas. Toldos sucessivos roubam luz das áreas livres e alteram sensivelmente a chegada do edifício. Internamente, as portas envidraçadas das salas de aula para os pátios foram trocadas por janelas menores sem respeitar a modulação original, além de terem algumas folhas pintadas. O piso também está bastante alterado. No pátio principal, havia ladrilho hidráulico rugoso (antiderrapante) preto; nos interiores, liso, sendo preto nos acessos e, nas salas de aula, de uma cor clara, talvez branco. Esse apuro deu lugar a um granilite acinzentado e a outros pisos – alguns de baixa qualidade

¹⁴ As críticas são diretamente voltadas à descaracterização espacial do edifício e nada têm a ver o extremo zelo daqueles que a frequentam, trabalham e estudam atualmente, mantendo-a limpa e organizada, sem sinais de abandono.



e nenhum cuidado estético, como porcelanatos. Paredes internas foram pintadas em cores escuras até a metade com o propósito de encobrir manchas.

Os cobogós sofreram alterações arbitrárias, como vedação e preenchimento. Havia um detalhe particularmente delicado neles, algumas de suas aberturas eram vitrificadas em azul e vermelho, fazendo projeções coloridas no ambiente, conforme foto do acervo de Reis Netto (fig.7). Tais vidros foram pintados ou arrancados.

Os vários desníveis que havia no pátio, formando bancos de altura baixa, para as crianças, foram obstruídos com grades e guarda-corpos. As vigas foram pintadas em vermelho cereja, enquanto algumas empenas em cinza e paredes em creme, contribuindo ainda mais para a descaracterização do ambiente. A mutilação maior, no entanto, ocorre no pátio central onde o grande jardim longitudinal e o espelho d'água esguio foram cimentados e, numa involuntária ironia, pintados de verde. Nos pátios internos das salas de aula ocorreu o mesmo.

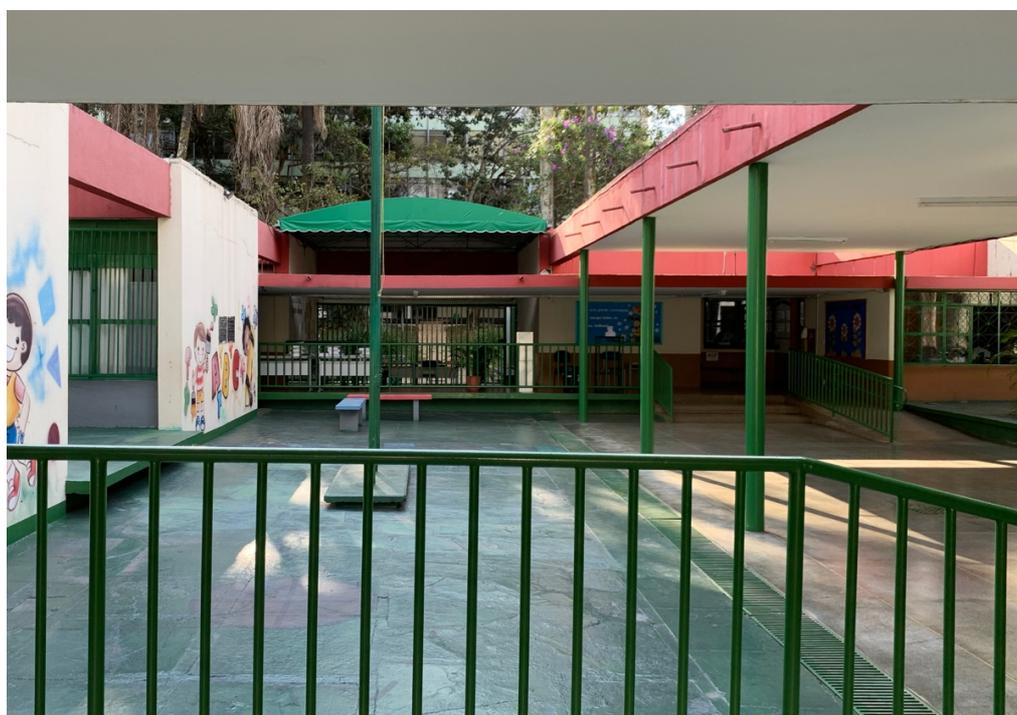


Imagem 9: Camilla Abdallah, 2021. Pátio com o jardim cimentado e pintado de verde, ao fundo a entrada principal da escola, à esquerda é possível ver um dos pátios menores também cimentado e sala de aula gradeada, com caixilho alterado. O mastro para a bandeira também trata-se de uma inserção posterior.



Imagem 10: Camilla Abdallah, 2021. Em ângulo invertido (de dentro para fora) a mesma abertura, agora gradeada, que podemos ver na figura 4.

A placa com a estrela permanece em seu local, mas já sem as palavras de Malraux, constituindo, segundo os frequentadores, um obscuro foco de interesse. A escultura de Edgar Duvivier não está mais lá e seu paradeiro é desconhecido. Já na reforma de 1986, Reis Netto criticava um restauro desrespeitoso da obra, escondida pelo matagal que tomava conta do que restou dos jardins.

Considerações finais

Um edifício moderno, público, projetado com ideais coletivos, depende diretamente de forças progressistas para que se torne realidade. Quando estas forças deixam o poder, não raro vemos os espaços generosos e democráticos serem apropriados e usados por regimes totalitários para o seu oposto, tornando-se espaços impessoais e de controle ou cuja simbologia de poder passa de um extremo ao outro. Nesses casos há um esvaziamento da essência programática do edifício que existia antes, mas ainda assim, muitas vezes, a arquitetura é mantida intacta. Chama atenção que no caso das escolas de Brasília ocorre o inverso. Apesar de todos os obstáculos e desvirtuamentos históricos, o sistema escola-classe / escola-parque – a essência programática – ainda funciona e é defendido por pais, professores e alunos que denunciam de tempos em tempos tentativas de seu desmonte definitivo (PEREIRA; 2011).



O que, por outro lado, se desfigura são os edifícios, tanto aqueles originais, de valor histórico, como as novas construções que ignoram os avanços trazidos por aquelas primeiras escolas. A escola-classe da 114 Sul é um exemplo disso. Sua radicalidade é equivalente à sua fragilidade a ponto de, mediante tantas ações descaracterizantes, parecer nunca ter existido. Recuperar sua memória é preservar o patrimônio moderno em sua escala do modo de vida, algo por vezes, ofuscado pelos palácios e catedrais, mas também é fortalecer a permanência do ideário programático, pois, como disse o educador, a máquina da escola pública, máquina democrática, não existirá sem seus espaços.



Referências bibliográficas

BENTO, Antônio. “Escola Modelo em Brasília”, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 19/05/1962, p.4.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CALHEIROS, Alex (et.al.). *Mobiliário Moderno: das Pequenas Fábricas ao Projeto da Unb*. Brasília: UnB, 2014.

CAMPOS, Paulo de Almeida. “O planejamento do sistema escolar público de Brasília”, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 32, n.75, Jul/set 1959, p.109-111.

CHAHIN, Samira Bueno. *Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília*. São Paulo: FAU USP, 2018 (tese de doutorado).

COSTA, Lucio. “O ensino do desenho”. *Cultura*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, set./dez. 1948.

_____. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Sesc / Editora 34, 2018 (1995).

GOROVITZ, Matheus; FERREIRA, Marcílio Mendes. *A invenção da superquadra*. Brasília: IPHAN, 2009.

ESKINAZI, Mara Oliveira. *Interbau Berlim 1957: Hansaviertel – a cidade do amanhã*. Rio de Janeiro: Ponteio edições, 2011.

JEAN, Yvonne. “Um roteiro de Brasília para um viajante apressado”, *Correio Braziliense*, 19/02/1965.

_____. “Escola 114 ou Escola-Parque?”, *Correio Braziliense*, 18/05/1967.

KIM, Lina; WESELY, Michael. *Arquivo Brasília*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. “Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão”, *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.25, n. 96, jul./set. 2017, pp. 585-608.

NAUD, Santiago. “Caderno especial sobre Wilson Reis Netto”, *Correio Braziliense*, 15/12/1967.

PEDRÃO, Angela. “A Escola-parque uma experiência projetual arquitetônica e pedagógica” *Rua*, Salvador, UFBA, 1999, v.5 n.1, pp.24-29.

PEREIRA, Eva Waisros (org.). *Nas asas de Brasília – memórias de uma utopia educativa (1956-64)*. Brasília: UnB, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília: Coordenada – Editora de Brasília, 1971.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. “Plano de Construções Escolares de Brasília”, *Módulo*, out/ 1960, v.4, n.20.